

Meio Ambiente e Processo Democrático

O JB tem publicado repetidas reportagens explicando que o esgoto produzido na Barra e em Jacarepaguá é a principal origem da poluição da praia da Barra da Tijuca. O esgoto escoam em direção às lagoas que forma o sistema lagunar de Jacarepaguá e de lá para a praia, através do canal da Joatinga. O que talvez o leitor do JB não tenha percebido claramente é que uma solução para o problema estava para ser implementada pela CEDAE há alguns anos, com projeto concluído e recursos assegurados. A iniciativa foi abortada pelo suporte dado pela Justiça à ação de algumas ONG's ambientalistas que discordaram da alternativa adotada pela CEDAE (emissário submarino, como o adotado em Ipanema, que lança esgoto a alguns quilômetros da praia). Provavelmente estas ONG's tinham as melhores intenções ao propor métodos alternativos para purificar as lagoas e para lançar o indesejável efluente no oceano. Entretanto, mesmo sem terem tido a intenção, lograram a manutenção do "status quo". Ao almejavam o ótimo e ao desprezarem o bom, acabaram ficando com o péssimo.

O episódio não é isolado. Alguns ambientalistas – felizmente a minoria! – exigem soluções para nossas questões ambientais que demandam padrões de primeiro mundo, e não de um país que ainda não resolveu o problema da miséria absoluta. Por exemplo, uma solução estudada nos bairros da Gávea, Jóquei e Jardim Botânico previa a interceptação de parte da enxurrada por um túnel que desviaria esta descarga para o Costão do Vidigal. Como não seria possível assegurar a boa qualidade da água a ser despejada no mar, por se tratar de escoamento através de regiões desprovidas de saneamento básico (Rocinha, principalmente), a solução foi questionada – com sucesso – por alguns ambientalistas. Resultado: atualmente a enxurrada poluída chega ao mar junto ao mesmo Costão do Vidigal, através do Canal da Av. Visconde de Albuquerque. Só que em vez de se dirigir rapidamente para o mar, através do vetado túnel, a enxurrada faz primeiro um "tour" pela Rua Jardim Botânico e adjacências, infernizando a vida de milhares de cariocas.

Outros ambientalistas adotam a postura do "não pode", condicionando qualquer ação emergencial para salvação de um ecossistema ameaçado à realização de detalhado estudo de impacto ambiental. É como se um médico fosse impedido de socorrer um paciente com notórios sintomas de ataque cardíaco antes de dispor do resultado do correspondente eletrocardiograma. Veja-se o caso da Lagoa e Piratininga, em Niterói. Lá também a Lagoa está em acelerado processo de deteriorização devido principalmente à afluência de esgoto não tratado. Como no caso da Barra-Jacarepaguá, a solução do problema passa pela coleta do esgoto e pelo impedimento do lançamento do esgoto bruto na Lagoa. A opção entre emissário submarino e/ou estação de tratamento é eminentemente de caráter técnico e econômico. Enquanto esta solução não é implementada, a SERLA tem a proposição emergencial de bombear água do mar para dentro da Lagoa, de forma tal que se mantenha o espelho d'água adequado, com qualidade semelhante à da água do mar. Naturalmente, o ecossistema da Lagoa seria inteiramente modificado. Não é necessário nenhum estudo de impacto ambiental: basta uma simples visita à Lagoa, para constatar que o novo ecossistema não pode ser pior do que o atual, que está moribundo. Esta solução emergencial, apesar de contar com apoio da Prefeitura Municipal de Niterói, já começa a ser questionada por alguns ambientalistas do ramo "não podista", sem que se apresente soluções alternativas práticas e imediatas.

Importantes obras e projetos tem sido continuamente obstruídos ou retardados pelo raio de ação deste grupo específico de ambientalistas. Com o fim do Governo Militar, alimentou-se a discussão sobre impacto ambiental, uma conquista democrática que vem sendo mal utilizada. É urgente uma mudança de postura deste grupo e do setor do Judiciário que trata da questão ambiental no sentido de tornar seus procedimentos primeiro mundistas, e muitas vezes irresponsáveis, compatíveis com a necessidade de aprimorar a realidade brasileira. Entre o ótimo e o bom, não faz sentido escolher o péssimo.

KELMAN, J. **Meio Ambiente e Processo Democrático**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10/06/94.